



Nossa corrente é forte e jamais se quebrará: A fundação dos Gaviões da Fiel - Força Independente em prol do Corinthians

VITOR DOS SANTOS CANALE

O Corinthians, entre os anos de 1954 e 1977, viveu uma longa ausência de títulos em seu futebol profissional. Venceu o Campeonato Paulista de 1954, ficando conhecido como campeão do quarto centenário da cidade de São Paulo, e voltou a conquistar o título novamente após 22 anos. Durante esse período de secas o time viveu uma década, entre 1961 e 1971, sob a presidência de Wadih Helu, deputado da ARENA, partido apoiador da ditadura civil-militar brasileira.

A década de Helu no clube do Parque São Jorge ficou marcada pelo crescente descontentamento dos corinthianos: a ausência de títulos do futebol e a falta de liberdade de expressão no clube foram questões que uniram muitos torcedores da arquibancada e sócios. O movimento de pressão, mesmo difuso, começou a se formar no anos 1965¹: informalmente, sem local próprio para reuniões, sem adereços nas arquibancadas e predominantemente arquitetado por jovens, foi assim que se deu o foco de descontentamento que resultaria na fundação da primeira torcida organizada do Corinthians.

Para refletir sobre a gênese dos Gaviões da Fiel, seus primeiros anos de existência, anseios e perspectivas o presente artigo se valeu da revisão bibliográfico, da consulta à fonte institucional da torcida² e de entrevistas com torcedores que são reconhecidos como integrantes da organização desde seus primeiros momentos. Das três entrevistas duas foram realizadas pelo autor e a terceira é parte do Projeto Territórios do Torcer, iniciativa realizada em conjunto pelo Museu do Futebol e Fundação Getúlio Vargas. Heloísio Dutra, ou Dutra, Presidente da Velha Guarda à época, foi entrevistado no dia 25 de julho de 2011, na sede do Movimento da Rua São Jorge³ pelo autor; Cláudio Faria Romero, o Vila Maria, foi fundador dos Gaviões da Fiel e da torcida Camisa 12, foi entrevistado no dia 05 de maio de 2012, nas dependências do Sport Clube Corinthians Paulista, à época estava afastado das torcidas organizadas e atuava como Conselheiro no clube, também foi ouvido pelo autor; por fim, Francisco Malfitani, ou Chico Malfitani, fundador dos Gaviões da Fiel que emprestou a casa

*Fundação Getúlio Vargas, doutorando em História pelo CPDOC da FGV.

¹ Informação institucional dos Gaviões da Fiel retirado de seu site: http://www.gavioes.com.br/?id_pag=172 acessado em 20 de agosto de 2011.

² Seu site oficial, www.gavioes.com.br - Site acessado em 10/01/2017.

³ Movimento de ruptura organizado por torcedores dos Gaviões da Fiel, durou entre os anos de 2007 e 2012. Para mais (CANALE,2012)

de seu avô para a primeira reunião, foi ouvido pelo Projeto Territórios do Torcer no dia 31 de outubro de 2014 na cidade de São Paulo.

A importância do estudo histórico da fundação dos Gaviões da Fiel se dá pela influência que o modelo de organização criado pelos corintianos teve no estado de São Paulo e, possivelmente, em todo o país. As torcidas organizadas tiveram por mérito aglutinar jovens assíduos frequentadores dos estádios e fazer com que os demais atores sociais, a mídia e o clube, principalmente, os percebessem como agentes do campo futebolístico (BOURDIEU, 2015).

O foco do descontentamento juvenil oriundo das arquibancadas do Pacaembu⁴ e da Fazendinha⁵ não era desconhecido pela diretoria corintiana. A administração do clube ignorava ou respondia violentamente aos protestos e manifestações de torcedores e associados, enquanto os jovens críticos aglutinavam apoiadores em prol de mudanças.

No entanto, a reunião inaugural, realizada na casa do avô de Chico Malfitani, na alameda Santos, em São Paulo, contou com poucos interessados: apenas doze pessoas⁶ assinaram a ata do dia primeiro de julho de 1969, marco de fundação do Gaviões da Fiel - Força Independente em prol do Corinthians.

A documentação existente não é capaz de apreender o fenômeno da fundação da torcida. Em primeiro lugar porque muitos dos que acompanhavam o movimento dentro dos estádios não tinham como interesse a regulamentação. E, segundo pelo poder e status que o papel de fundador assumiu posteriormente se tornando motivo de disputas e rivalidades em busca de um discurso hegemônico.

Assim, o que de fato aconteceu na casa do avô de Chico Malfitani e os meses posteriores soam apenas como uma das diversas versões que existem para a fundação dos Gaviões, que sofre constante processo de interpretação, adaptação e resignificação. Admitindo de antemão que essa será uma das versões sobre a fundação dos Gaviões da Fiel, por todas as limitações documentais e do saber histórico impostas à pesquisa, não está isenta de importância na constituição do mosaico de versões em prol do conhecimento. A questão de

⁴ Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, localizado no bairro do Pacaembu em São Paulo.

⁵ Estádio Alfredo Schürig, estádio do Corinthians, localizado no bairro do Parque São Jorge em São Paulo.

⁶ A ata de fundação consta das seguintes assinaturas: Flavio Garcia La Selva, Alcides Jorge de Souza Piva(Joca), Cláudio Faria Romero(Vila Maria), Orlando Rosato(Rosinha), Carlos Marino Chagas(Manchinha), Igor Dondo, Francisco Malfitani(Chico), Carlos Augusto Saraiva(Linguíça), Arthur Timerman, Brasil de Oliveira, Ivan de Oliveira e Benedito Amorim(Lampião).

interesse central não é o retrato dos fatos objetivos, mas como os diversos discursos são articulados pelos atores ao longo dos 40 anos de história da torcida.

Significativo analisar como os mitos fundadores do Corinthians e dos Gaviões da Fiel trazem diversas similaridades entre si, espécie de torcida enquanto metonímia do clube. A casa geminada dos Malfitani na Alameda Santos transforma-se na história do cômodo humilde iluminado precariamente pelo candeeiro antigo, onde sob as mãos de poucos, nasceu o Corinthians (NEGREIROS, 1992)

Nos Gaviões da Fiel, a história tem valor significativo e se faz presente nas relações do cotidiano. Não se deve cair na armadilha de uma história positivista, que se atribui o papel isento de relatar os fatos ocorridos no passado tal qual eles foram ou se mostram ao pesquisador. Nos Gaviões não diferente de todos os outros espaços da sociedade, a escrita da história diz muito da atualidade e dos modos como as correlações de forças se organizam e reorganizam ao longo do tempo.

O status de fundador e mesmo a hierarquia que se constitui a partir do tempo de permanência na torcida são elementos de intensa disputa dentro dos Gaviões da Fiel. Apesar de Dutra, durante a entrevista, reafirmar por diversas vezes a igual importância entre um novo sócio e um fundador, pois ambos, mesmo que em momentos diferentes, aderiram ao mesmo projeto ou à 'mesma loucura'⁷, as situações e a correlação de poder relatada pelo entrevistado e observada ao longo do trabalho de campo não permitem tal afirmação.

A percepção, compartilhada entre mais velhos e mais jovens, de que o título de fundador traz uma ascendência moral e diversas benesses, materiais ou não, faz com que a polêmica seja frequente dentro da Velha Guarda. Segundo relato de Dutra, muitos torcedores que chegaram aos Gaviões já na década de 1980 reivindicam ou mesmo consideravam-se publicamente como precursores. Na visão do entrevistado o expediente de reivindicar-se fundador dos Gaviões da Fiel tem como objetivo a busca do poder, seja ele a participação na presidência ou no conselho vitalício, ou ser indicado aos espaços que movimentam vultosas quantias de dinheiro.

Assim, periodicamente surgem novos fundadores, sócios que se dizem mais velhos do que de fato são, realizações que mudam de dono, toda a sorte de infortúnios à investigação

⁷ 'Mesma loucura' representa aqui um termo utilizado pelos próprios torcedores como forma de definir o sentimento pelo Corinthians, pelos Gaviões da Fiel e os esforços e sacrifícios que se tem que enfrentar para alimentar essa paixão, ou loucura.

histórica dos primeiros anos da torcida. As fichas de inscrição que poderiam esclarecer e mesmo o recém-encontrado livro-ata⁸ dos primeiros anos parecem não conseguir encerrar as contradições, pois existem diversos conceitos dentro da esfera de legitimação sobre o que é ser fundador.

A partir dos nomes contidos na ata de fundação e dos relatos de Dutra, Vila Maria e Chico Malfitani é possível apreender que os envolvidos na reunião fundadora na casa dos Malfitani tinham um perfil heterogêneo: de um lado membros da classe média urbana e estudantes de ensino superior, representados por Flávio de La Selva, estudante de Direito da USP, enquanto Joca cursava Filosofia, Chico Malfitani jornalista e Vila Maria formado em História; de outro, trabalhadores jovens e da periferia, o chamado 'povão'. Em comum, o fato de serem conritianos, assíduos aos jogos e estarem inconformados com a situação de seca da equipe do Parque São Jorge.

" Isso no primeiro momento teve uma presença de dois ou três de estudantes, o Flávio que era estudante de Direito, acho que morava no centro da cidade. Mas isso foi logo tomado, o povo tomou conta, entendeu? Isso é muito importante. E até hoje é o povo. As diversas diretorias, tirando o Magrão que era um cara de nível social um pouco maior, mas sempre representou bem a simbiose da sociedade brasileira. E hoje representa isso, tem uma grande parcela da nova classe C, agora, o povão sempre foi maioria. E o povão dirigiu isso, isso que eu acho bacana, eles tomaram isso." (MALFITANI, FRANCISCO. Projeto: Territórios do Torcer – uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo. Entrevista concedida a José Paulo Florenzano; Bruna Gottardo; Raphael Piva)

Do outro lado, daqueles que não compareceram à reunião, o que me foi relatado por Dutra era que esses só se interessavam por ficar junto nas barracas da praça Charles Miller, arquibancadas e na hora da cerveja. Não queriam compromisso com um projeto maior. Eles estavam sempre nos estádios, mas não desfrutavam do mesmo status dos fundadores dos Gaviões da Fiel. A apreciação genérica de Dutra sobre alguns desses torcedores foi de que

⁸ O livro-ata passou décadas desaparecido, pois estava com Cláudio Romero que recentemente devolveu à torcida, atualmente se encontra sob guarda da Velha Guarda dos Gaviões.

eram "maloqueiros"⁹ demais para se importarem com o que estava acontecendo, com o futuro do Corinthians e do Brasil. Mas esses torcedores, deixados em segundo plano pela história da instituição, acreditavam e quando os Gaviões da Fiel se tornaram uma torcida aderiram, pois algo os fazia acreditar no triunfo da associação, apesar da polissemia do projeto naquele momento.

As diferenças entre perspectivas e projetos para as torcidas organizadas são fenômenos recorrentes que dividem a organização ou são resolvidos internamente dentro de cada entidade, por isso é temerário analisar a torcida como uma coletividade com um projeto único e em comum entre todos os seus participantes, como argumenta Luiz Henrique Toledo:

Dada a complexidade e variedade de expectativas que animam os subgrupos em uma torcida pode-se constatar projetos diversificados de ação e participação na esfera pública, que extravasam os limites do universo do futebol e põem sob suspeita as explicações mais simplistas sobre o comportamento monotemático e marginal desses agrupamentos. (TOLEDO, 2002: 230)

Sob a mesma perspectiva de Toledo, na fundação dos Gaviões da Fiel existe uma imensa diversidade de interesses e graus de participação que se acomodam sob a mesma instituição. Não é possível a representação que essa convivência seja sempre harmônica e possível. Os casos das rupturas internas, nos Gaviões, formando a Camisa 12¹⁰ e, posteriormente o Movimento da Rua São Jorge, são provas disso, mas na maioria dos momentos os diferentes interesses e perspectivas coexistem.

Os Gaviões da Fiel nasceram sob o signo da diversidade, que gerou uma divisão que perdura há décadas e seus ecos ainda podem ser sentidos: as diferenças entre uma cúpula diretiva que representa os valores de classe social mais elevada e de maior vivência no sistema educacional, e uma base heterodoxa que inclui os membros das classes populares, os novos sócios com anseios diversificados em relação à torcida, e também, jovens atraídos pela aventura de fazer parte dos Gaviões da Fiel, o que acabou gerando uma multiplicidade de sentidos sobre o que é ser o Gavião. (CÉSAR, 1981; AGUILERA, 2004; CANALE, 2012).

⁹ Tanto moleques como maloqueiros são termos nativos utilizados pelos torcedores organizados para referir-se aos jovens torcedores organizados, majoritariamente da periferia da cidade de São Paulo. O emprego do termo não traz significado pejorativo e é utilizado recorrentemente entre os torcedores. Para mais (CANALE, 2012)

¹⁰ A torcida Camisa 12 foi fundada em 1971 como uma dissidência dos Gaviões da Fiel, questão esta que será abordada mais detidamente ao longo do artigo.

Ao afirmar tratar-se de uma divisão, creio que tal não deva ser interpretada de modo rígido, como uma barreira intransponível. A participação no conselho ou na presidência não é vedada a ninguém, a questão central é que o indivíduo tem que compactuar com a ideologia dos Gaviões, pensamento esse gestado entre os fundadores e reafirmado pelo discurso ao longo dos anos. Ou seja, para galgar degraus na escala burocrática o indivíduo tem que mostrar que tem proceder, que é um dos três pilares da entidade juntamente com a Lealdade e a Humildade, significa que o membro não pode falhar com o sistema ético e de normas da torcida. Desta forma, o Procedimento é um conceito extremamente maleável, conforme o momento histórico, o indivíduo que o usa e também a situação em que é utilizado.

O comprometimento com o projeto integral dos Gaviões não era pré-requisito para a amizade entre os membros. Os 'maloqueiros' e os torcedores que queriam apenas comparecer aos jogos junto da torcida viviam em harmonia e intensa relação com os diretores. A cerveja nos bares do centro de São Paulo, as jocosidades e brigas com os adversários eram para quem quisesse, o cotidiano torcedor eram partilhado por todos, cada um ao seu modo.

A adesão à uma torcida organizada, porém, era uma forma de torcer em invenção, mescla de juvenildade, reivindicação e da festa na arquibancada (HOLLANDA,2009). Camilo Aguilera e Bernardo Borges Buarque de Hollanda interpretam que as torcidas organizadas sistematizam práticas utilizadas pelos torcedores desde as primeiras décadas do século XX. As caravanas, os fogos, as bandas musicais (baterias), a ocupação de um local específico na arquibancada, tudo isso compõe a ritualística do torcer. Os autores afirmam que uma características foram ressaltadas pelos jornais da década de 1970 sobre esses novos torcedores: a fidelidade, o fervor, o esforço e a dedicação. Juntas elas simbolizavam também as representações sobre o Corinthians como clube dos populares, metonímias da diversidade de raças e condições sociais brasileiras:

Eu fui aos poucos entendendo o que o Corinthians representa para aquele povo da periferia, que tinha pouca atenção. Ali é onde ele é alguém, ele se sente seguro, onde sua voz é ouvida, e como o Corinthians é importante para a vida dele, como paixão. E a gente sempre procurou dentro da Gaviões, usar a Gaviões... existe a Gaviões da Fiel, mas o Corinthians e a Gaviões não são um fato isolado, nós moramos em São Paulo, no Brasil, o que acontece lá fora tem total relação com que acontece com a Gaviões, com o Corinthians e sua vida pessoal, então a gente sempre procurou participar de todos mais importantes eventos políticos do Brasil

(MALFITANI, FRANCISCO. Projeto: Territórios do Torcer – uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo. Entrevista concedida a José Paulo Florenzano; Bruna Gottardo; Raphael Piva)

Enquanto o Corinthians é o clube das ‘raças misturadas’ ‘o mais autenticamente brasileiro’ sua torcida é designada como ‘a grande massa assalariada’, ‘mais pobre e de pouca mobilidade social’, ‘os explorados’. Através dessas duas operações os debatedores, e a Folha de S. Paulo por meio deles, fazem do Corinthians e sua torcida um objeto de representação política que, via classe ou via raça, indica uma maioria pobre e mestiça: o povo. (AGUILERA, 2004: 51)

Os Gaviões da Fiel, torcida representante dessa maioria pobre e mestiça da cidade, se colocaria como força política já em 1971, quando participou da única eleição possível, a que escolheria o novo presidente do Sport Clube Corinthians Paulista.

A Revolução Corintiana, chapa encabeçada por Miguel Martinez e Vicente Matheus, tentava colocar fim a uma década de presidência de Wadih Helu. Os pleiteantes contavam com um grupo vasto de apoiadores em busca de ares não tão novos, mas menos opressivos que poderiam chegar ao clube do Parque São Jorge com a saída do deputado da ARENA. Dentre os participantes desse movimento se encontravam os Gaviões da Fiel. A ideia inicial da torcida organizada era alijar Wadih Helu do poder, com a eleição de Miguel Martinez (CÉSAR, 1981).

(...) logo teve eleição presidencial e a gente conseguiu apoiar um candidato chamado Miguel Martinez, foi a revolução corintiana, e a gente derrubou com esse movimento que teve repercussão na imprensa, a gente estava sempre batucando no Parque São Jorge, música contra o Wadih Helu, e movimento de rua, que nem movimento das Diretas, que nem movimento do ano passado, foi criando um troço, e o associado acabou... alguns dos grupos entraram como sócios do Corinthians para tentar fazer um movimento lá dentro. Foi uma coisa estratégica mesmo, pensada estrategicamente para derrubar o Wadih Helu que usava o Corinthians politicamente. (MALFITANI, FRANCISCO. Projeto: Territórios do Torcer – uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo. Entrevista concedida a José Paulo Florenzano; Bruna Gottardo; Raphael Piva)

Na busca pela vitória de seu candidato Vicente Matheus buscou a aliança com os Gaviões da Fiel, inicialmente por saber que na organização havia muitos sócios mantêm e também para conseguir mão de obra na panfletagem e cooptação de outros membros do conselho, como relataram Dutra e Chico Malfitani. Segundo ambos, as conversas entre Matheus, candidato a vice-presidente da chapa de oposição, e Flávio de La Selva, então presidente dos Gaviões da Fiel, ocorreram na empresa pavimentadora do candidato, e a exigência do representante da torcida era o fim da reeleição no estatuto do clube do Parque São Jorge. A Revista Veja em sua edição número 135 apresentou um breve retrato da política interna do clube, que só reafirmava o temor na continuidade das direções despóticas após a vitória da oposição no pleito de 1971:

A derrota de Wadih completa um ciclo de afastamentos de velhos dirigentes e confirma a tradição corinthiana: em 1959, ele se uniu a Vicente Matheus para derrubar o presidente Alfredo Inácio Trindade; em 1961, Trindade se uniu a Wadih, para derrubar Matheus; em 1971, Matheus se uniu a Martinez (velho amigo de Trindade, já falecido), para derrubar Wadih. Nesse palco, onde segundo se deduz só cabem poucos personagens, está sendo representada a própria tragédia corinthiana, enquanto a plateia, uma das maiores torcidas do Brasil, espera sofredamente pelo final feliz – um título de campeão paulista (ausente desde 1954). (Revista Veja, 7 de abril de 1971, edição 135: 71)

Os Gaviões da Fiel que se colocavam contra o continuísmo, contra as práticas políticas caras aos setores mais reacionários da sociedade brasileira dentro do Corinthians representados pelo modo personalista e anti-democrático de dirigir o clube de Helu, e pelo fim da fila viram na aliança com Martinez e Matheus a chance de promover mudanças na estrutura do clube.

A Revolução Corinthiana, assumiu um caráter vanguardista apenas no nome, pois nada mais era que uma reforma dentro das estruturas de poder já pavimentadas dentro do Conselho do Sport Clube Corinthians Paulista. Apoiar Martinez, e por trás dele Matheus, significava apenas uma alternância no grupo político que exerceria a direção do clube, no máximo a possibilidade de que a reeleição e a solidificação de um mesmo candidato no poder tivesse fim. No entanto, ao invés de promover críticas à atuação institucional dos Gaviões da Fiel ao

apoiar Martinez, a reflexão mais cabível era das benesses e objetivos que a agremiação poderia amealhar a partir da vitória do candidato de oposição.

A afirmação da existência e mesmo da importância fundamental da estrutura no plano político, social e nos comportamentos dos grupos não pode ser visto como a negação das atitudes individuais. Mas sim, como reconhecimento de que essa liberdade é o modo como cada qual pensa e age dentro de determinada estrutura, a seu favor ou a favor dos seus. Assim, a estrutura não atesta a inexistência da liberdade ou a negação da possibilidade de mudanças, mas o reconhecimento de que cada tempo histórico tem suas delimitações sejam elas sociais, do pensamento e no caso brasileiro do final dos anos 1960, o que chama mais atenção é a estrutura política, baseada na coerção e nas saídas restritas dentro dos espaços institucionais (REIS, RIDENTE & SA MOTTA, 2004). Analisar a relação entre o poder instituído no Corinthians e a vontade reformista dos Gaviões da Fiel, não responde apenas ao espectro restrito da relação de forças dentro do clube, mas é indicativo de como questões sociais e políticas fundamentais ao momento histórico habitam também o campo futebolístico.

A atuação política dos Gaviões estava ao sabor dos acontecimentos públicos do país e do clube que a torcida prestava apoio, num panorama para além de incerto, reafirmando valores clientelistas e totalitários. A filiação de fundadores da torcida organizada com instituições de esquerda e a militância na União Nacional dos Estudantes, transparece que a luta por maior democracia no Corinthians era apenas uma das várias preocupações dos jovens fundadores dos Gaviões da Fiel. O papel solidário na fundação de outras torcidas organizadas, de clubes rivais, e o canal de militância proposto por seu sócio número 1 e primeiro presidente, Flávio de La Selva, com a criação da ATOESP¹¹, são mostras de um sentido político que extrapolava o próprio futebol, ao subverter o clubismo (DAMO, 2007) em prol de um projeto em comum de sociedade e de futebol. Por isso, atribuir a importância dos Gaviões da Fiel somente à sua atuação como suporte à equipe de futebol corintiana seria diminuir por demais a sua importância social na cidade de São Paulo.

Dentro de uma estrutura social, em que a organização de grupos, sob qualquer interesse era vista como suspeita, principalmente depois do AI-5, o nascimento dos Gaviões

¹¹ Associação dos Torcedores Organizados do Estado de São Paulo, entidade criada no final da década de 1970, que congregava as principais torcidas organizadas paulistas em busca de resoluções para pautas em comum.

da Fiel é algo relevante para o momento histórico. As associações, mesmo que para fins declaradamente não-políticos¹², já constituíam um enfrentamento à estrutura vigente.

A resistência desses torcedores não foi somente sobre a década de presidência de Wadih Helu, mas também foi contra o sistema político vigente, mesmo que sem propostas de amplo espectro político a existência dos Gaviões da Fiel em si e sua posterior notoriedade mostram que o associativismo ainda era possível, por mais vigiado e restrito que fosse. Desta forma, o trabalho político dos Gaviões da Fiel seguia as possibilidades abertas pela estrutura corintiana, com maior oportunidades de alianças e liberdade.

Os Gaviões da Fiel, que desde a fundação mantiveram seu caráter autonomista frente ao clube em seu nome de batismo ao acrescentar o termo Força Independente em prol do Corinthians, a partir de 1971 passaram a contar com um potencial aliado como presidente, dada a vitória de Martinez sobre Helu. No entanto, o novo presidente tinha outros planos para a agremiação de torcedores que quase levaram à sua ruína.

O objetivo de Miguel Martinez como presidente corintiano era trazer a torcida organizada para dentro do Parque São Jorge, tornando-os a torcida oficial do Corinthians. A tentativa era que com essa adoção institucional o potencial contestador e reivindicativo da torcida fosse atenuado ou até suprimido. O expediente usado pelo novo presidente prometia recompensas significativas para aqueles que aderissem à oportunidade de transformarem-se em representantes do clube, todas as necessidades dos torcedores seriam arcadas pela diretoria.

A escolha posta era entre as diversas benesses oferecidas pela diretoria corintiana ou a liberdade e a autonomia do movimento de torcedores. Contudo, não podemos pensar que a forma organizativa que propiciou a decisão tenha advindo do centralismo democrático; muito pelo contrário, o processo que se deu foi de ruptura entre os membros e a fundação de uma nova torcida. Situação essa que quase causou o fim dos Gaviões da Fiel por falta de sócios, na visão de Benedito Tadeu César (CÉSAR, 1981), também atestado por Claudio Romero, porém negado por Dutra.

Através do relato de Luís Carlos, responsável pela palestra aos novos sócios nos Gaviões da Fiel, Benedito Tadeu César relatou as dificuldades criadas pela cisão criadora da Camisa 12 à continuidade dos Gaviões:

¹² Se é que fins não políticos existam.

Como os Gaviões não aceitaram se transformar numa torcida oficial e, inclusive passamos a fazer oposição à diretoria do Martinez, eles criaram a Camisa 12. Chamaram o Vila Nova¹³ e ofereceram a ele todas as vantagens que a gente tinha recusado. Ele, que era um Gavião, traiu a gente e junto com outros receberam instrumentos para a bateria, uniformes, ingressos, passagens e condução grátis. Mas tinham que fazer tudo o que eles queriam. A Camisa 12 chegou até a ser maior do que a gente. Foi um tempo difícil. Nós éramos poucos e sofríamos pressão de todo lado. A diretoria do Corinthians chamava a gente de arruaceiros, moleques e os jornais apoiavam. Bastava um de nós entrar numa briga e já vinha pau na gente. A imprensa fazia o maior estardalhaço. Tratavam a gente como bandidos. Mas nós fomos crescendo e hoje somos a maior torcida de São Paulo, e talvez do Brasil. Mas foi muito difícil limpar nosso nome. E isso a gente conseguiu porque a gente é mesmo diferente dos outros. (CÉSAR, 1981: 58-9)

A nova torcida fundada a partir da ruptura envolvia egressos dos Gaviões da Fiel e assumiu o nome de Camisa 12, ou seja, a torcida que joga junto com o time. “Dos cerca de 500 membros, restaram menos de 100, aceitando os benefícios e imposições da diretoria...” (CÉSAR, 1981 p.101). Conforme César, que desenvolveu sua pesquisa de campo já alguns anos após o acontecido, mas com acesso a muitos dos envolvidos neste momento histórico, se pode atribuir um perfil tanto aos que ficarem como àqueles que saíram. O conflito manifesto pela dicotomia Gaviões da Fiel e Camisa 12 poderia ser sinalizado por outros denominadores.

Para César, que teve a oportunidade de entrevistar o sócio-fundador número 1 e primeiro presidente Flávio de La Selva, a ruptura teve um caráter de cisão entre a base e a cúpula, também tratada como racha entre a diretoria e as pessoas próximas a ela e os 'maloqueiros'. O autor afirmou que os maloqueiros, mais pobres e com menor acesso ao ensino, teriam sido seduzidos pelas benesses que seu dinheiro não poderiam arcar, argumentou que o projeto político dos Gaviões, fazia sentido aos mais próximos da diretoria, mas aos maloqueiros não ao ponto de negar as recompensas materiais propostas.

O excerto da dissertação de César aponta para um juízo de classes sobre a ruptura que originou a Camisa 12, pois além de conceber a reflexão e atuação política a uma elite

¹³ Na realidade o nome correto é Vila Maria, apelido de Cláudio Romero.

econômica e cultural dos Gaviões da Fiel, apreende que a base seja impelida pelas benesses por não ter consciência política como norte:

Quem saiu dos Gaviões para formar a Camisa 12 foram exatamente os 'maloqueiros' da época. Os torcedores mais fanáticos, mas ao mesmo tempo, os de menor nível cultural e intelectual, além de pertencerem às camadas de renda inferiores dos fundadores da Gaviões. É principalmente o núcleo de estudantes, que havia fundado o Grêmio dos Gaviões como grupo de pressão e oposição à diretoria da época é que se mantém fiel a esse objetivo, não cedendo nem cooptando com a nova diretoria eleita, e que, inicialmente, recebia apoio. Isso não ocorre com o grupo mais numeroso dos mais incultos e de menor renda que dá origem à Camisa 12... (CÉSAR, 1981 p.168)

Além das questões fundamentais à manutenção da existência da torcida, a grande afluência de torcedores à Camisa 12 na primeira metade da década de 1970 superou em número os Gaviões e foi durante algum tempo a maior torcida do Corinthians e quiçá do estado. Situação que era um problema à atuação política dos Gaviões (CÉSAR, 1981): tanto para manter suas portas abertas na primeira sede na rua de Santa Ifigênia, como para impor sua força política e reivindicativa.

Uma outra versão da ruptura pode ser verificada nas falas de Dutra e Chico. Ambos trazem diferenças significativas àquela que César teve acesso e formulou. Para os entrevistados os artífices da ruptura foram Cláudio Romero (Vila Maria), Cléber (Clébão) e Raul.

Aí ganhou eleição. Qual foi nossa surpresa, que passou uns dias da eleição do Martinez, o Martinez chamou os garotos mais novos do nosso grupo, disse "vamos fazer o seguinte, acaba com esse negócio de Gaviões da Fiel, força independente, vamos formar uma Camisa 12, aí o clube fornece para vocês os ingressos, os ônibus, faz as camisas", quer dizer, o Miguel Martinez viu que aquela coisa, aquela organização que tinha ajudado a derrubar um presidente poderia... e os mais novos, são pessoas legais, meus amigos hoje, Claudio Faria Romero, o Raul que hoje é diretor financeiro do Corinthians, dono da ABBA, uma das maiores consultorias do mundo, eles eram mais novos, eles foram lá e formaram a Camisa 12. Tanto que nós da Gaviões ficamos loucos com isso, tanto que quando cruzava com eles a gente batia neles, eram todos mais novinhos, traidores, traíram nossa causa.

(MALFITANI, FRANCISCO. Projeto: Territórios do Torcer – uma análise

quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo. Entrevista concedida a José Paulo Florenzano; Bruna Gottardo; Raphael Piva)

Vila Maria em nome dos Gaviões, apesar Flávio de La Selva ser o presidente no período e desconhecer as negociações, procurou tanto Helu como Matheus atrás das melhores benesses para os Gaviões da Fiel e para si. Segundo Dutra, Vila Maria era um oportunista, que queria apenas o melhor para si, não para o Corinthians e nem para os Gaviões. Concepção essa que a etnografia de César também observa nas representações feitas sobre Vila Maria pelos membros dos Gaviões da Fiel na segunda metade da década de 1970 (CÉSAR, 1981).

O acerto entre Vila Maria e Martinez/Matheus foi o marco fundador da Camisa 12, que rapidamente adquire sua sala nas dependências do Parque São Jorge, consegue sua bateria e panos para bandeira, além da entrada facilitada nos jogos, tudo como o prometido, inclusive a subserviência dos membros da nova torcida em relação à direção corintiana.

Vila Maria, perguntado sobre o assunto, afirmou que a sala que foi usada pela Camisa 12 fora no passado a mesma usada pelos Gaviões da Fiel no Parque São Jorge. Não existia, na sua visão, nenhuma benesse especial para a nova torcida, apesar da informação do uso da sala pelos Gaviões da Fiel não constituir verdade. No momento em que o entrevistado foi perguntado sobre as negociações com a diretoria corintiana para a fundação da Camisa 12. E as benesses recebidas e os juízos que faziam sobre sua figura nos Gaviões da Fiel, sua antiga torcida, pediu-me para que o gravador fosse desligado, dado o conteúdo emocional de suas confissões.

Ao contrário de César que identificou uma ruptura entre alta cúpula e base nesse processo de saída de torcedores para a formação da Camisa 12, Dutra afirma que quem saiu dos Gaviões foi o grupo mais próximo a Cláudio Romero. Desta forma, existem evidências que as articulações de bairro faziam sentido dentro da torcida organizada, ou seja, não foram relações que se dissiparam em prol de uma identidade maior dos Gaviões ou em prol das benesses apenas. Logo, Cláudio Romero teve amplo apoio de seus colegas das regiões próximas à Vila Maria, com que tinha mais proximidade, devido à história compartilhada em anos de idas e vindas dos jogos e das sociabilidades de bairro.

Podemos concluir que a constituição dos Gaviões da Fiel foi um processo de criação de um ideário político da juventude que vivia o cotidiano corintiano, mas não estava atrelado

necessariamente ao panorama político brasileiro da época. O desejo de liberdade de expressão, a possibilidade de reivindicar, a união para a festa e o sentido independente de uma organização juvenil foram a potência, a vocação e o desejo de uma geração que expressou-se, a partir da sua forma de torcer, a carência de todos esses valores na sociedade brasileira. O torcer dentro dos Gaviões da Fiel, e das diversas torcidas organizadas que foram criadas posteriormente, durante a ditadura civil-militar, foi um ato de resistência que impôs cores aos anos de chumbo com a sua ousadia em organizarem-se e enfrentarem um panorama totalitário. A sensação de que os ventos da contestação que deram vida aos Gaviões da Fiel não eram só próprios à juventude ou à vontade torcedora, mas também à vontade política de seus integrantes, interessados em mudar um futebol conservador e clientelista, que nada estranhamente se parecia muito com um país chamado Brasil.

Bibliografia

- AGUILERA, Camilo Toro. O espectador como espetáculo: notícias das torcidas organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004). Campinas. Dissertação de mestrado em sociologia apresentada no IFCH/Unicamp. 2004.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo. Editora Perspectiva. 2015.
- CANALE, VITOR. Torcidas organizadas e seus jovens torcedores: diversidades e normativas do torcer. Campinas. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação Física. 2012.
- CÉSAR, Benedito Tadeu. Os Gaviões da Fiel e a águia do capitalismo ou o duelo. Campinas. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Unicamp. 1981.
- DAMO, Arlei Sander. Do dom à profissão - A formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo. Editora Hucitec. 2007.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. O clube como vontade e representação – O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Editora 7 letras. 2009.
- HOLLANDA, B. & NEGREIROS, Plínio. Os Gaviões da Fiel - Ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol. Rio de Janeiro. 7 Letras. 2015.

HOLLANDA, B., MALAIA, J., TOLEDO, L. & MELO, V. A torcida brasileira. Rio de Janeiro. 7 Letras. 2012.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. Resistência e Rendição - A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo - 1910-1916, São Paulo: PUCSP, 1992, dissertação de mestrado.

REIS, D. A.; RIDENTI, M. & SA MOTTA, R.P. (org.). O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964 – 2004). Bauru. Editora EDUSC. 2004.

TOLEDO, Luiz Henrique. Torcidas organizadas de futebol. Campinas. Autores Associados. 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique. Lógicas no futebol. Editora Hucitec/Fapesp. São Paulo. 2002.